

A variação linguística e gramatical no inglês da Nigéria¹

Hugo Leonardo Vitório de Lacerda²

O Inglês falado da Nigéria apresenta uma variedade frequentemente abordada para diferir significativamente de outras variedades do inglês, destacando suas particularidades e a estrutura gramatical. Este artigo apresentará a variação linguística e gramatical do inglês da Nigéria comparado ao inglês Britânico em relação às línguas mais faladas tais como o igbo, hausa e yoruba. Apresentando também a posição da língua inglesa desde sua colonização aos dias de hoje, sendo considerado como idioma global.

Introdução

A cada dia vivenciamos a rápida e eficaz transformação das formas de se comunicar, sejam com a internet, os programas de televisão, os mais avançados aparelhos eletrônicos direcionados para todos os gostos e idades, seja a presença intensa dos meios convencionais de comunicação, como jornais, revistas, livros etc.. Isso mostra que a forma de se falar e expressar possa, também, sofrer mudanças de acordo com contexto que o indivíduo está inserido. E é por isso, que a conversa do dia-a-dia com sotaques, gírias e dialetos, que se misturam formam uma plural referência e objeto de pesquisa de lingüistas, sociolingüistas, gramáticos e afins. O papel desses profissionais é estudar o processo de aquisição, execução e transformação da língua falada ou escrita pelo indivíduo. Um desafio a ser enfrentado diante desse “caos” lingüístico é a pluralidade que se encontra, por exemplo, um sintagma com vários significados e pronúncias, variando de uma região para outra. A essas formas chamamos de “Variantes Lingüísticas”.

A opção pela pesquisa sobre a “Variação Lingüística e Gramatical no Inglês da Nigéria” se deu pela relevância e importância de um estudo mais específico sobre a heterogeneidade da língua. O objetivo aqui é tratar da colonização da língua inglesa na Nigéria, sua importância no desenvolvimento do país, da possível mistura de dialetos

¹ Agradeço ao professor Timothy Akinmade Akande, PhD. Professor da Obafemi Awolowo University, em Ile-Ife, Nigéria, por ter me auxiliado com competência e apreço me disponibilizando artigos e textos restritos para a construção deste trabalho.

² Graduado em Letras Português-Inglês pelas Faculdades da Terra de Brasília.

locais (Igbo, Hausa e Yoruba) com o inglês, o aprendizado de inglês nas escolas e os possíveis “erros” encontrados na estrutura gramatical dando uma significação a mais à forma como se escreve e se fala.

Breve Histórico

Na África, a colonização britânica teve constante desenvolvimento, em especial na África ocidental, oriental e austral. É conveniente lembrar que a exploração do litoral africano se iniciou primeiramente pelos portugueses pela descoberta da Ilha da Madeira, em 1419, dos Açores em 1431, das Ilhas de Cabo Verde em 1445 e da foz do rio Congo em 1482. Historicamente, os britânicos instalaram-se primeiro na “Gold Coast”, atual Gana, em 1621 e em “Fort James”, Gâmbia em 1661, tomando o lugar dos portugueses. Por razões de proximidade geográfica e, como para a maioria das potências coloniais européias, sendo a Holanda uma exceção, foi na África ocidental que os britânicos mantiveram um primeiro contato com a África negra.

Onde hoje é a Nigéria, a chegada dos primeiros navios mercantes só veio ocorrer em meados do século XVI, desenvolvendo o comércio da pimenta e dos escravos, onde os primeiros exploradores - comerciantes portugueses fizeram contato com os itsekiri³ da região de Warri⁴, região do delta do Níger. Tendo estado sempre por trás de todas as expedições, a Grã Bretanha tinha objetivo comercial e humanista, promovendo outros pontos de venda e a abolição do tráfico negreiro através da “Sociedade para a Extinção do Tráfico Negreiro e para a Civilização da África”. Mas a malária dizima um terço de seus efetivos e os religiosos são denunciados pelos navegantes por interferência. Diante da dificuldade de sobreviverem ao clima nigeriano, os africanos se incumbiam de evangelizar o continente, recrutando primeiramente missionários entre os escravos forros e letrados da colônia de Serra Leoa. “Mas na Nigéria, a evangelização das populações foi inicialmente feita nas línguas indígenas dominantes, portanto, sem favorecimento da difusão da língua inglesa” (LOPEZ, 2005 – p. 95).

A difusão da língua inglesa na Nigéria

Os processos de evangelização missionária no sul da Nigéria definitivamente serviram de suporte à introdução da modernidade e da educação junto às populações. Por isso, o Novo Testamento foi traduzido para o yoruba em 1851. Na Nigéria, sua primeira gramática publicada foi o efik em 1894, depois a do Kanuri em 1854, antes das gramáticas yoruba e hausa, publicadas em 1862 e 1864.

Sendo assim, as atividades evangelizadoras e educacionais das missões, assim como as das

³ Povoado original do Delta do Níger, concentrado principalmente em Warri.

⁴ Warri tornou-se a principal cidade petrolífera do estado do Delta. Essa cidade geralmente ganhará as páginas da imprensa nigeriana por conta de seus enfrentamentos intercomunitários, especialmente entre Ijaw e Itsekiri, que reivindicam, assim como os Urhobo, o título histórico de primeiros ocupantes da região, em vista de ter garantido para si os “direitos do solo”, o que lhes daria vantagens sobre a exploração do petróleo no sistema nigeriano atual.

autoridades coloniais britânicas serão de contribuição fundamental para moldar os contornos políticos da moderna Nigéria. Lopez (2005 – p.98) ressalta que

“ evangelização do sul do futuro Estado Nigeriano contribuirá para educar primeiramente essas populações, destacando a efik, igbo e yoruba, dando-lhes certa ascendência, no plano educativo, sobre as etnias muçulmanas que viviam a ser colonizada pelos britânicos em princípios do século XX”.

O inglês e as línguas primitivas no ensino na Nigéria

No início, a difusão do ensino de tipo ocidental na Nigéria deveu-se aos missionários, que pensavam que as crianças receberiam melhor estudo se fosse feito em suas línguas maternas e também que a sua missão de evangelização se desenvolveria melhor pelas mesmas razões. Mas, gradativamente esse padrão “missionário” foi contrário às necessidades do mercado de trabalho das colônias. A elite considerava que essa forma de educar não era tão importante tratando das necessidades comerciais, que presumia fluência em inglês. A partir de 1880, os governos coloniais intervinham gradualmente no conteúdo do ensino missionário, para dar mais relevância ao estudo da língua inglesa. Esse ponto de vista está arraigado até hoje, pois a fluência na língua inglesa contribuiria além do mercado de trabalho aos estudos, pois passando nas provas de inglês teriam um diploma e certificados de conclusão de qualquer curso que viessem a fazer, assim temos em Lopez (2005 – p.99).

“Em longo prazo, essa política deu tão certo que acabou por provocar um sensível deslocamento das línguas indígenas para o inglês, a língua do colonizador. Progressivamente, os alunos e seus pais foram tomando consciência de que era economicamente mais compensador aprender o inglês, em lugar de línguas indígenas, levando em conta as perspectivas de trabalho que a língua inglesa podia oferecer”.

Essa silenciosa hegemonia da língua inglesa perdurou do fim do século XIX até depois da independência da Nigéria, em 1960. Os sucessivos governos do país durante todo esse tempo jamais pensaram na obrigatoriedade de promover as línguas nacionais, ao passo que sempre consideraram como sua obrigação encorajar a prática do inglês e até mesmo forçar as populações a aprendê-lo, mesmo com as dificuldades, por exemplo, das crianças, que chegavam à escola portando suas línguas maternas.

Tal domínio do inglês apareceria apenas cinco ou seis anos depois na escola e era apenas nesse nível escolar que o essencial do ensino às crianças era tão dispensado em inglês. Assim sendo, a esse nível, as línguas tradicionais (o efik, o hausa, o igbo e o yoruba) continuavam a ser ensinadas como matérias opcionais. Elas não eram reduzidas, diversamente de outras línguas locais menos faladas, pois havia obras sacras ou leigas nessas línguas, o que possibilitava uma boa prática da leitura e em consequência disso, um melhor ensino. Essa junção das línguas tradicionais com o inglês se perpetuou, sem que fosse necessário legislar nesse domínio até a época da independência. Somente ao final dos anos 1970 é que se abriram espaços para questionamentos sobre a importância conferida ao inglês durante todo esse período.

Após 15 anos à independência, as elites nigerianas se questionavam pelas razões da proeminência reservada ao inglês na gestão dos assuntos públicos e na educação. Aqui a inspiração era a corrente a favor da “renovação africana”, bastante fortalecida em alguns países do continente. O objeto geral produzido foi um deslocamento do inglês para as línguas tradicionais⁵, uma vez que encontramos em (LOPEZ, 2005 - p. 100)

“outros eleitos, nitidamente inquietos diante da dificuldade da maioria dos nigerianos de entender o inglês e de comunicar-se corretamente nesta língua, afirmavam que todos os esforços deviam ser empreendidos para favorecer o ensino das três grandes línguas tradicionais do país, a fim de que elas servissem de alternativas ao inglês como suportes oficiais de comunicação nos assuntos comerciais e políticos.”

A prática do Inglês no mundo e sobre o “pidgin english” na Nigéria

O “pidgin english” é falado, sobretudo no sul da Nigéria em uma grande área costeira e principalmente nas várias urbanas. Os lingüistas nigerianos distinguem quatro grandes variedades de “pidgin english”, destacando-se no pidgin de Benin, pidgin de Lagos, pidgin do Delta e pidgin de Cross River. Sua prática adquire muito mais importância diante do fato inegável de sua utilidade. Em Lopez (2005 p. 107). “[...]É um dialeto entre nigerianos, assim como um pidgin entre africanos e europeus e africanos de diferentes línguas, sem ortografia unificada.”

Estrutura Sintática do inglês da Nigéria

O estudo das várias características do inglês no mundo ainda chama a atenção dos lingüistas. Como outras variedades de inglês, o Inglês do Oeste da África (com sigla em inglês WAE – West African English) recebe uma atenção à parte. Porém, não muito foi publicado em geral no que diz respeito à sintaxe do WAE e do Inglês da Nigéria, em particular, no geral, não foi muito publicado. A convicção geral é de que essas características gramaticais de variedades nacionais de WAE não são exclusivas, pois podem ser encontradas em outras variedades do Inglês de acordo com Todd (1982); Bamgbose (1992); Bamiro (1995). Desta forma, Todd (1982), identifica as variações sintáticas seguintes de WAE: “o uso indiscriminado das tag - questions ‘isn’t it’ / ‘not so?’; ‘as in it doesn’t matter, not so/isn’t it?’; diferenças no uso de alguns phrasal verbs, por exemplo ‘cope up with’ para ‘cope with’ fracasso para às vezes distinguir entre countable e uncountable nouns - substantivos (por exemplo, an advice, firewoods, behaviors)”.

Bamiro (1995), em seu estudo sobre a variação sintática do WAE tem por vista uma investigação mais inclusiva que estudos realizados anteriormente sobre o assunto. Usando dados de literatura criativa, identificam-se as seguintes variações: orações sem sujeito, por

⁵ As três línguas mais faladas na Nigéria são, em ordem decrescente, o Hausa, Igbo e o Yoruba. Vale ressaltar que o Hausa é também a segunda língua mais falada na África subsaariana depois do suaíli.

exemplo, 'Is because she's a street walker for 'It is because ...?'; Exclusão do morfema *ly* em advérbios de modo, por exemplo, 'Send patrol van to pick her up quick (quickly)'; omissão de palavras funcionais como os artigos, por exemplo, 'You say truth (... the truth)'; reduplicação, por exemplo, 'Slowly, slowly the canoe moved like the walk of an oM man' (gradualmente); formação de perguntas sem mudar a posição do sujeito e artigos auxiliares, por exemplo, 'You've decided finally then? ('Have you finally decided then?'); e tag – questions, como em 'You are writing a paper about our organization, not so? ('Isn't it?').

No que diz respeito ao Inglês da Nigéria, Banjo (1995) observa o contraste empírico em que "estudo da sintaxe do Inglês da Nigéria (Nigerian English – NE) e o Inglês Britânico (British English – BE) volta para a era de análise de erro e "lingüística de contraste" . Eis aqui alguns exemplos:

- They enjoyed (NE) para (BE) 'They enjoyed themselves' (enjoyed ocorre intransitivamente na estrutura do NE enquanto o mesmo é transitivo no BE);
- He pregnanted her (NE) para (BE) 'He made her pregnant' (enquanto em NE pregnanted é usado como verbo, a palavra pregnant ocorre em BE como adjetivo);
- You like that, isn't it? (NE) para (BE) 'You like that, don't you?' (em BE, a particular negative da question tag é sempre terminada por um verbo, no NE é representado por isn't it?);
- Give me meat (NE) para (BE) 'Give me some meat' (omissão do artigo na estrutura do NE mas não na estrutura do BE);
- I am having your book (NE) para (BE) 'I have your book' (no NE o *ing* é usado como marcador estático).

Vale ressaltar que algumas das características sintáticas ilustradas aqui caracterizando WAE ou NE também são existentes em outras variedades do inglês. Em Igboanusi (2006 p. ?), "[...]tal estudo se dá a uma tentativa de responder às inovações na sintaxe do NE, que é o resultado do contexto sociolingüístico da Nigéria, isto é, Nigerian Pidgin English e os idiomas indígenas". Como essa "inovação" pode ser percebida? Para esta pergunta, Bamgbose (1998) coloca que uma inovação será vista como "uma variante aceitável." De acordo com teórico o estudo aqui é para determinar se um uso ou estrutura é uma inovação ou um erro. O que é visto como uma inovação em uma variedade estrangeira do inglês pode ser percebida como um erro pela maioria dos oradores nativos de língua inglesa. Banda (1996, p. 68). "[...]Tal questão está esclarecida ao mesmo tempo em que se reconheceu o papel de convenção social como também a relação entre estrutura social e forma lingüística no uso dos "New Englishes" .

Os dados

Os dados aqui apresentados a este estudo foram baseados em coletas de informações a partir do artigo "Syntactic innovation processes in Nigerian English", de Hebert Igboanusi, em que o

estudioso realizou suas observações por gravações e investigações de campo, rádio e televisão. Embora muitos dos processos de inovação sintática que foram abordados aqui, podem acontecer em outras variedades do WAE ou “New Englishes”. As fontes da influência e seus padrões de uso podem ser diferentes. Também é importante notar que algumas destas categorias sintáticas são características muito importantes de criação no estilo de muitos escritores do oeste africano como destacou Bamiro (1995), e são encontrados regularmente em jornais e revistas da Nigéria. Em outras palavras, aqui não só são restringidos a contextos coloquiais, mas seu uso também se destaca por níveis diferentes de educação.

Em Igboanusi (2006) destacou que “neste estudo foram apresentados cuidadosamente características que são basiletais⁶ e variedades acroletais⁷ do NE, onde foi identificada a variação do NE no qual uma característica particular é dominante”. Destaca-se entre parênteses cada sentença associada, primeira em NE e por seguinte em BE. São presentes no Inglês da Nigéria problemas interessantes, pois até mesmo a variedade acroletal está arraigada entre o Inglês Britânico Padrão e o pidgin basiletal.

Orações sem Sujeito

Há um uso preponderante de orações sem sujeito dos falantes de NE. Esta prática envolve a omissão do sujeito na estrutura do NE. Isso se dá por parte dos falantes do NE, é influenciada pelo processo de encurtar no qual a forma que é reduzida, especialmente no inglês falado. Quando acontecem na fala de usuários menos fluentes do NE, pode ser resultado da influência do Nigerian Pidgin (NP) no qual são transferidos em estruturas do NE. Considere os exemplos seguintes:

- Is very far. “It’s very far”.
- Is about five hours or more. “It’s about five hour or more”.
- Is about fifty dollars. “It’s about fifty dollars”.
- Is the boy. “It’s the boy”.

De acordo com Igboanusi (2006), “embora não sejam achadas orações sem sujeito na forma escrita na variedade acroletal, existe na forma escrita da variedade de basiletal .”

Reduplicação

Embora a reduplicação tenha sido tratada aqui por diversos teóricos como processo léxico de inovação, Kachru (apud Igboanusi, 2006), notou que a reduplicação de artigos pertence a várias classes de palavras. Por exemplo, algumas palavras inglesas são reduplicadas

⁶ Basiletal: que é a mais pura. De acordo com as circunstâncias em que surge, o crioulo geralmente é mais “simples”, melhor dizendo, “mais não-marcado” do que a língua dominante, também chamada de *língua lexificadora*, ou de *superstrato*. As línguas dominadas geralmente são chamadas de *línguas de substrato*. O fato é que praticamente todo crioulo convive com a língua lexificadora, assim chamado por ser a que fornece a maior parte do léxico (freqüentemente acima de 90%).

⁷ Acroletal: é a partícula mais próxima da língua dominante ou lexificadora.

freqüentemente ou são repetidas consecutivamente, ou para dar ênfase, pluralização, ou criar significados novos. Bobda (apud Igboanusi, 2006), identificou três categorias de palavras que geralmente sofrem o processo de reduplicação justamente: numerais intensificadores e indicadores de quantidade. E como observou Igboanusi (2002), enquanto a ocorrência de um segundo numeral denota 'cada' (como em one-one, half-half), a reduplicação de um intensificador ou um indicador de quantidade pode ser para dar ênfase (como em very-very, now-now, before-before, fast-fast, good-good, slowly-slowly) ou para pluralização (como em big-big, small-small). Destacam-se os exemplos a seguir:

- Please drive slowly-slowly because the road is wet. ('Please drive very slowly because the road is wet').
- Do you have small-small gifts? ('Do you have small gifts?').
- Before-before, shoes were very cheap in this store. (In the past, shoes were very cheap in this store).
- Give me half-half pack of cookies ('Give me half pack of cookies')

A reduplicação é principalmente usada no NE em contextos coloquiais. E nos contextos exemplificados acima. Os reduplicativos: small-small, slowly-slowly, before-before, half-half são freqüentemente usados nas falas de usuários fluentes em NE.

Sujeitos Duplos

O uso de sujeitos duplos é outra característica sintática do NE. Este processo que é adotado para enfatizar o assunto pode envolver o uso de pronomes duplos (por exemplo, this ,your/my, Her/she) ou o pronome + um modificador / qualificador (por exemplo We the singers, We men). Exemplos:

- Me I don't know why.(I don't know why)
- This your songbook is perfect! (Your Songbook is perfect!)
- Me I don't have time. (I don't have time).

O uso de sujeitos duplos em construções reflete os contextos coloquiais de alguns dos idiomas indígenas da Nigéria (por exemplo, Igbo e Yoruba) e Nigerian Pidgin. Seu coloquialismo confronta com o uso de redundância para dar ênfase. Tais estruturas exemplificaram que é encontrado na fala de usuários fluentes e menos fluentes.

Estruturas influenciadas por pidgins

De acordo com Igboanusi (2006), a forte influência do Pidgin English produz adiante várias estruturas no NE. Examinemos os exemplos a seguir:

- We work farm ('We are farmers' or 'we work on a farm').
- I have maize, yam, finish ('I have maize and yam; that is it').

- I continue working at farm; finish ('I continue to work at the farm; that is it').
- We sat down, finish ('We sat down; that was it').
- We stayed together, ate, finish ('We stayed together and ate; that was it').
- The Muslims are plenty than the Christians ('The Muslims are more than the Christians').
- I don't know book ('I'm not brilliant').
- If rice is done you keep it ('Bring down the rice from fire when it is well cooked')

Note a exclusão de preposição determinante (a), o uso enfático de finish como marcador de discurso em (b), (c), (d) e (e), o uso de plenty como um artigo comparativo em (f) e tradução equivalente em (g) e (h).

Estruturas com partículas do discurso

Várias estruturas do inglês existem no NE com partículas de discurso que derivam ou da influência de NP ou do idioma indígena. As partículas de discurso são frequentemente usadas na conversação. Consideremos os exemplos seguintes:

- a) You know Kemi now! ('You should know Kemi').
- b) I live in Port Harcourt now! ('You should know that I live in Port Harcourt').
- c) Wait now! ('Please wait').
- d) Tomorrow is your birthday, abi? ('Tomorrow is your birthday. Isn't it?').
- e) Shebi it was you I gave some money yesterday ('I think it was you I gave some money yesterday').
- f) I won't be there o ('I will not be there').
- g) I'm tired of this life self ('I'm even tired of this life')
- h) You'll be here tomorrow, ko? ('You'll be here tomorrow, won't you?').
- i) You disobeyed me and still went ahead to fight those people, ba? ('You disobeyed me and still went ahead to fight those people, didn't you?').
- j) So, it is now confirmed that you were the one who initiated that move against me; kai, I'm disappointed ('so, it is now confirmed that you were the one who initiated that move against me; I'm really disappointed').
- k) Haba! You should have told me before taking my discs ('what! You should have told me before taking my discs').
- l) Sha me, I have said what I wanted to say ('As for me, I have said all I have to say').
- m) I don't know them sha ('Anyway, I don't know them').

- n) I have seen him, to! ('OK, I have seen him').
- o) He is the one that stole my heart, to! ('He is the one that stole my heart, right!').
- p) I will deal with that man, wallahi ('By God, I will deal with that man').
- q) Yauwa! I have seen what I'm looking for ('I'm satisfied that I have seen what I'm looking for').

Ainda, em Igboanusi (2006), nos exemplos (a), (b), (c), (f) e (g) têm-se o pidgin como o idioma de origem; em (d), (e), (l) e (m) o Yoruba como o idioma de origem; já em (h), (i), (j), (k), (n), (o), (p) e (q) é derivado de Hausa ou Fula. Todos os exemplos são achados regularmente em diálogos coloquiais em NE. Em (a), (b) e (c), a partícula de discurso é usada para enfatizar que o ponto ao qual recorre não é pouco conhecido ao ouvinte. Em (d), a interjeição *abi* de é usado como uma estratégia de discurso para confirmar um fragmento da informação, o que pode ser equivalente para 'não é?' Já a partícula *o* em (f) normalmente é destacada em posição de oração-final e dá ênfase à oração inteira. Além disso, *o* sinaliza o envolvimento emocional do orador. Ambos *ko* em (h) e *ba* em (i) são marcadores interrogativos. *Kai* e *haba* expressam surpresa expressa. Já *Shebi* é um marcador de pergunta retórico enquanto *yauwa* expressa sentimento de satisfação. Ambos *Sha* e *to* são usados para afirmar uma declaração, considerando que *wallahi* é equivalente para 'honestamente' ou 'Por Deus.' Todas as partículas de discurso abordadas acima são apenas usadas coloquialmente. As partículas de discurso são verdadeiras fontes de processos de inovação sintáticos no NE. As estruturas aqui apresentadas podem acontecer nos discursos de oradores fluentes ou menos fluentes em NE. Embora as partículas de discurso não são artigos originalmente ingleses, eles são inovadores criando estruturas do NE.

Orações sem verbo

Algumas orações sem verbo existem no discurso de falantes do NE. Em conversações ou troca de cumprimentos, a pessoa nota a ocorrência freqüente das orações sem verbo destacadas a seguir:

- a) How? ('How are you?')
- b) How now? ('How are you?')
- c) How things? ('How are things?')
- d) How work? ('How is work?')
- e) How family? ('How is your family?')
- f) How life? ('How is life with you?')
- g) How body? ('How is your body?')
- h) How market ('How is business?')

Trata-se aqui realmente de não ser orações sem verbo, mas o resultado de uma regra

fonológica na qual são apagadas consoantes únicas (neste caso, [z]) entre limites de palavras. Quanto à estrutura de base, permanecem sem verbo. Embora tais orações sejam encontradas com mais frequência na conversação de falantes menos fluentes em NE, também ocorre nas conversações de falantes fluentes em NE expressando intimidade.

Substituição

Foram identificados alguns exemplos de substituição que envolve o uso de regras da língua inglesa como processos de criação sintática em NE. Em todos os exemplos listados abaixo, são usadas estruturas de NE para substituir regras em BE:

- a) They are six sides of die. ('They are six sides of the die')
- b) He did the work on his own accord ('He did the work of his own accord')
- c) I am not surprised that Chike and Andrew are such close friends; they are birds of the same feather ('I am not surprised that Chike and Andrew are such close friends; they are birds of a feather').
- d) Ann, I can't believe that you're now singing the letter that I composed. ('Ann, I can't believe that you're now singing the song that I composed').
- e) The football match is going to be a child's play ('The football match is going to be child's play')
- f) I have been busy since morning cracking my brain over that question ('I have been busy since morning racking my brain over that question')
- g) You should not take the law into your hands ('You should not take the law into your own hands').
- h) By no stretch of imagination could anyone trust him ('By no stretch of the imagination could anyone trust him').
- i) And last but not the least is the perennial water problem in this state ('And last but not least is the perennial water problem in this state')
- j) He often shouts on top of his voice ('He often shouts at the top of his voice')

Como um processo sintático, a substituição de uso idiomático envolve três estratégias: omissão, substituição e inserção. Nos exemplos (a), (g) e (h) têm-se omissão de algumas palavras funcionais, nos exemplos (e) e (i) há a inserção de artigos. No mesmo seguimento, nos exemplos (b), (c), (d), (f) e (j) há o processo de substituição de algumas palavras.

Aqui os dados em inovação sintática apresentados em NE (Nigerian English) apresentam a evidência de alguns aspectos de adoção do inglês como resultado do contato com o idioma, línguas indígenas e pidgins. Também há evidência de influência do uso pragmático do inglês no contexto lingüístico nigeriano.

Considerações finais

Até aqui foram abordadas a influência da língua inglesa na Nigéria e apresentadas algumas características variáveis e gramaticais do inglês nigeriano no intuito de tornar relevante um estudo mais aprofundado dos países que têm a língua inglesa como parte de seu vernáculo. Foi demonstrado como a língua inglesa chegou à África e como foi importante a evangelização dos povos para que o idioma tomasse expansão. A seguir foram apresentadas algumas variações sintáticas cujas características são bem particulares. É verdade que algumas características de sintaxe no inglês da Nigéria discutidas aqui são compartilhadas em particular por outras variedades de WAE (West African English) e outras variedades de inglês em outros lugares.

No contexto geopolítico, sabe-se que Chinês o Hindu e o Inglês estão entre os idiomas que têm o maior número de falantes de língua (tendo esta como língua mãe) no mundo. Mas quando se diz que um idioma é mundial ou global, não se deve priorizar o número de falantes nativos, pois o mais importante, de fato, é que o idioma é usado como uma ferramenta para comunicação entre diferentes comunidades. Um idioma global parte do pressuposto de ter um papel especial reconhecido em todo país: Um idioma que têm tanto um papel econômico e cultural na comunidade mundial e não é apenas o idioma dominado pela elite, pois se estabelece ao lado de outros idiomas em contextos multilíngües; não se alastra por migração de falantes e sim pela macro aquisição em países onde é falado como idioma estrangeiro ou como segundo idioma.

Referências:

- BAMGBOSE, Ayo. Standard Nigerian English: Issues of identification. In: Syntactic innovation processes in Nigerian English. University of Ibadan, Nigeria, 2006.
- BAMIRO, Edmund 1995. Syntactic variation in West African English in: Syntactic innovation processes in Nigerian English. University of Ibadan, Nigeria, 2006.
- BANDA, Felix. The scope and categorization of African English: Some sociolinguistic considerations in: Syntactic innovation processes in Nigerian English. University of Ibadan, Nigeria, 2006.
- BANJO, Ayo. A contrastive study of aspects of the syntactic and lexical rules of English and Yoruba. In: Syntactic innovation processes in Nigerian English. University of Ibadan, Nigeria, 2006.
- IGBOANUSI, HEBERT. Syntactic innovation processes in Nigerian English. University of Ibadan, Nigeria, 2006.
- KACHRU, Braj B. 1982 South Asian English, in: Syntactic innovation processes in Nigerian English. University of Ibadan: Nigeria, 2006.

LOPEZ, Phillippe Sébille-. “Os britânicos e a língua Inglesa na África em geral e na Nigéria em particular”.In: LACOSTE, Yves, RAJAGOLAPAN, Kanavillil(orgs.) A Geopolítica do Inglês. São Paulo: Parábola, 2006.

http://www.ethnologue.com/show_country.asp?name=Nigeria. – Acesso em 08 de Novembro de 2010.

TODD, Loreto. The English language in West Africa. In: Syntactic innovation processes in Nigerian English. University of Ibadan, Nigeria, 2006.